

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA**

ANA LÚCIA GUTERRES DIAS

FILOSOFIA, PRÁXIS E MÍSTICA NO PENSAMENTO DE SIMONE WEIL

SÃO LEOPOLDO

2016

Ana Lúcia Guterres Dias

FILOSOFIA, PRÁXIS E MÍSTICA NO PENSAMENTO DE SIMONE WEIL

Trabalho apresentado para a disciplina de Monografia, pelo Curso de Especialização em Filosofia: Os Clássicos e suas Obras, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, ministrada pelo professor Castor M. M. Bartolomé Ruiz

São Leopoldo

2016

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 SIMONE WEIL: PRESENÇA FEMININA TRANSFORMADORA	4
3 FILOSOFIA E PRÁXIS.....	9
4 PRÁXIS E MÍSTICA.....	15
5 CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

Em junho de 2009 descobri a existência da filósofa Simone Weil e de aspectos singulares de sua filosofia que faziam muito sentido. Uma filósofa ainda pouco conhecida, mas cujo pensamento tem grande relevância para nosso tempo.

Simone Weil, grande pensadora do século XX, traz novos olhares e nos possibilita descortinar mais detalhadamente as reflexões sobre o encontro e o diálogo entre a filosofia, a práxis e a mística.

Este escrito sobre a filosofia, a práxis e a mística em seu pensamento, pretende circular entre esses conceitos, relacionando-os, e buscando ver como é possível através de S. Weil, a integração deles na filosofia.

Também será dado destaque à filósofa enquanto mulher, enquanto rara presença feminina no meio filosófico. Vários são os porquês de ter escolhido ler e escrever sobre Simone Weil. Diante de uma história da Filosofia tão escassa de mulheres como sabemos (segundo o que os livros nos contam...), é necessário honrar a presença e todo o legado que Simone Weil nos deixou.

Uma mulher que fez de seu pensamento algo muito além de teorias filosóficas. Ela conseguiu unir a sua teoria com a práxis, ela própria sentiu na carne cada pensamento seu tomando corpo e lhe consumindo até a própria morte.

Simone necessitou estar entre os camponeses, os operários. Esta experiência lhe possibilitou ter e saber o que dizer, como ela mesma diz. Assim ela fundamentou o seu discurso. Uma filosofia enraizada... Um exemplo a todos os que se dedicam ao exercício filosófico.

2 SIMONE WEIL: PRESENÇA FEMININA TRANSFORMADORA

Para iniciar a presente reflexão sobre Simone Weil, pretendo abordar brevemente o aspecto do feminino e sua notável ausência da história da filosofia. Isto por que este trabalho ao mesmo tempo em que quer ser uma forma de percorrer alguns caminhos abertos pela filósofa, também visa honrá-la enquanto mulher de destaque dentro do universo filosófico. A filósofa se sobressai em um tempo e em um meio dominado por homens, onde poucas mulheres ousaram dizer a sua palavra. Simone Weil, neste sentido (além dos outros que serão abordados neste escrito) tem um destaque, uma importância singular para a Filosofia, e para a própria História.

Havia um tempo em que o culto à Deusa predominava e o feminino ocupava um papel de destaque nas sociedades de então. Marisa Sanabria reforça o argumento de opressão das mulheres, e destaca a valorização das questões próprias do feminino que havia anteriormente.

“Assim como a terra e a natureza, o feminino sempre foi visto como algo a ser domesticado e civilizado, e o gesto patriarcal tem sido o de conter, civilizar e domesticar algo que sempre se mostrou incontrolável e desbordante.”

Mas nem sempre foi assim, e é muito importante constatar que existiram épocas em que a mulher marcava o ritmo da vida cotidiana e os movimentos da prole. Sanabria” (2005, p.22-23)

No livro *As Brumas de Avalon*, em meio à ficção e realidade, encontramos muitos elementos de uma sociedade que prestava culto à Deusa, uma sociedade que reconhecia suas sacerdotisas e seu lugar de destaque no mundo feminino e masculino. No mesmo livro também podemos perceber o momento crucial em que o cristianismo vai tomando lugar e o culto ao Deus masculino vai se sobrepondo ao culto à Deusa. São chaves importantes que nos facilitam a leitura do lugar e do não lugar do feminino na História.

Em sua obra *O Poder do Mito*, Joseph Campbell realiza diálogos com o jornalista Bill Moyers sobre diversos temas, defendendo a ideia de que os mitos passados nos ajudam a entender o presente e a nós mesmos.

A mulher dá à luz, assim como da terra se originam as plantas. Assim, a magia da mãe e a magia da terra são a mesma coisa. Relacionam-

se. A personificação da energia que dá origem às formas e as alimenta é essencialmente feminina. A Deusa é a figura mítica dominante no mundo agrário da antiga Mesopotâmia, do Egito e dos primeiros sistemas de cultura do plantio.

(...)

E quando você tem uma Deusa como criador, o próprio corpo dela é o universo. Ela se identifica com o universo. Campbell (1990, p. 177)

Este é um lugar do feminino que quase não se conhece. Há um não saber e um esquecimento para com as mulheres na História. Por isso visitar, resgatar, trazer aos olhos da contemporaneidade a história do feminino, é tão necessário. Como diz Márcia Tiburi, em seu artigo “Política, Mulheres e Filosofia”, “Lembrar as mulheres na filosofia é o gesto que tem o teor de uma irrupção. Novo parto.”

De acordo com o que argumenta Márcia Tiburi é que está sendo feito este resgate, esta lembrança sobre Simone Weil e sua filosofia. Todo esforço no sentido de não deixarmos nossas filósofas caírem no esquecimento é e será um gesto grandioso de salvar, de certa forma, a própria história do feminino, além de todo o valor humano, social, místico, político que Simone Weil deixou como herança para a História do pensamento.

Ela mesma, em sua obra *O Enraizamento* fala sobre os esquecidos da história, sobre a história oficial que está nos livros, mas que não é a história completa. É tão somente a parte da história contada pelos vencedores. Weil (2001, p. 200) “É assim para a história. Os vencidos escapam à atenção. Ela é a sede de um processo darwiniano mais impiedoso ainda do que aquele que governa a vida animal e vegetal. Os vencidos desaparecem. Eles são nada.”

E Simone Weil continua sua argumentação,

A história está fundada sobre os documentos. Um historiador proíbe a si mesmo as hipóteses que não repousam sobre nada. Na aparência é muito sensato; mas na realidade está longe disso. Pois, como há furos nos documentos, o equilíbrio do pensamento exige que hipóteses sem fundamento estejam presentes no espírito, com a condição de que seja por essa razão e que em torno de cada ponto haja várias.

Com mais razão é preciso nos documentos ler entre as linhas, transportar-se inteiramente, com total esquecimento de si, aos

acontecimentos evocados, demorar muito a atenção sobre as pequenas coisas significativas e discernir todo seu significado.

Mas o respeito pelo documento e o espírito profissional do historiador não dispõem o pensamento a este gênero de exercício. O espírito dito histórico não penetra o papel para encontrar carne e sangue; consiste numa subordinação do pensamento ao documento.

Ora pela natureza das coisas, os documentos emanam dos poderosos, dos vencedores. Assim, a história não é outra coisa senão uma compilação dos depoimentos feitos pelos assassinos relativamente a suas vítimas e a si mesmos. Weil (2001, p. 203)

Se as mulheres sofrem deste esquecimento que lhes é imposto na História da humanidade, quanto mais na História da Filosofia, espaço este onde a voz masculina predomina enquanto voz da verdade, enquanto voz da razão.

A presença feminina na História, sua força, seu significado, mesmo que de forma tão persistente e em diferentes tempos tenha sido relegada a um lugar de submissão, a um lugar de silêncio e esquecimento como já foi dito, não se resigna a aí ficar. O feminino, neste caso, representado no culto à Deusa, mostra a força de tal presença na História, quando nos deparamos com a continuidade do culto à Deusa através de Maria, no Cristianismo. Não mais da mesma forma, mas de uma outra forma necessária como resistência à própria humanidade.

Segundo Tarnas, "a cultura masculina reprimiu a feminina". (TARNAS, 1999, p.468)

As mulheres têm feito muitos movimentos a fim de retomar o seu lugar, o espaço que lhe foi renegado. O movimento feminista teve seus avanços, mas ao mesmo tempo é importante observar que os extremos são perigosos. O que se quer é uma sociedade de parcerias, não uma sociedade de dominações. Alguns pensadores já apontaram para este desafio, o de não apenas inverter os pólos. Nem machista, nem feminista, mas uma sociedade de parcerias. E para isto é tão necessário este despertar feminino no sentido de se empoderar e se reconhecer como protagonista, sujeito da História, que além de ser tema, tem que ser voz.

Felizmente muitas mudanças percebemos ao longo da História, onde mulheres cada vez mais estão conseguindo se expressar em suas diferentes áreas, inclusive no mundo filosófico. A passos lentos o feminino vai retomando o seu lugar. Um lugar que não submete nem domina ninguém, mas um lugar em que se possa estar ao

lado e realizar os propósitos que cada gênero carrega em si. Esta transformação é uma realidade que não se pode negar, mas também não se pode negar o fato de que contemporaneamente ainda a presença feminina nas universidades inclusive, e de modo especial nos cursos de Filosofia ainda é inferior à masculina. Da mesma forma estes números são reais quanto ao corpo docente, e ainda mais se pensarmos nos pensadores, filósofos contemporâneos... Homens e mulheres ainda estão distantes de um equilíbrio de gênero quando nos referimos à Filosofia. O que isto tem a nos dizer? Que leituras podemos fazer por entre as linhas dessa realidade? São questões em aberto para não esquecermos o que precisa ser lembrado... e para não deixar passar como normal uma situação que verdadeiramente não é.

S. Weil sem entrar nesta questão do feminino, realiza e ocupa naturalmente o seu espaço, o seu lugar de pensadora no universo filosófico. Ela, enquanto mulher, é referência e modelo para as outras mulheres que vieram depois e que ainda virão. Mulheres que trilham os caminhos sinalizados por ela e que fazem da filosofia de Weil uma base forte para seguir.

Exemplo de mulher que rompe as amarras de um tempo e que age movida por valores humanos, sociais, políticos, místicos. Exemplo de mulher na história da filosofia. Nesta área tão masculinizada como já refletimos, mas que não se pode negar a presença marcante de tantas mulheres. Ainda minoria avassaladora, mas presença que vem se construindo e se erguendo dos escombros de um passado que precisa ser lembrado para ser ressignificado.

Simone Weil nasceu em Paris, no dia 3 de fevereiro de 1909, e faleceu em 24 de agosto de 1943. Com apenas 34 anos Simone encerra sua trajetória extremamente comprometida e enraizada nas questões de seu tempo. Ela é um exemplo de mulher que faz da sua filosofia uma forma de vida. Leva aos extremos, de forma que não apenas teoriza sobre as questões de sua Filosofia, mas também opta por viver na carne aquilo sobre o qual escreve. Abandona a estabilidade de uma vida financeira que lhe oportunizava certa tranquilidade, para se colocar ao lado dos oprimidos de seu tempo. Vai trabalhar nas fábricas e sente na carne o sofrimento dos homens e mulheres de então. Toda exploração, massificação, desumanização...

É um exemplo de mulher que rompeu padrões de uma época e ousou diante de estruturas opressivas. É fonte inspiradora. É exemplo de mulher que ousou

pensar, militar e ainda viver uma mística que a aproximava mais da humanidade.

Uma de suas grandes estudiosas, Maria Clara Bingemer, no livro Simone Weil: A força e a fraqueza do amor, situa a questão do feminino na modernidade. De acordo com Bingemer,

O século XX pôs fim a crença difundida que situava a mulher apenas no domínio da vida privada e inevitavelmente vinculada aos processos vitais biológicos. A mulher ganhou o espaço público, mas sua emancipação não ainda universalmente homogênea é real apenas nos países ditos desenvolvidos. Essa diferença, assumida enquanto singularidade realizadora, irreduzível ao denominador comum de um grupo ou de uma entidade sexual, é reivindicada pelas mulheres que vão tomando cada vez mais consciência da importância dos paradigmas pessoais e da contribuição própria e única que cada uma, de forma original e sempre nova, pode trazer em relação à diversidade plural do mundo. Bingemer, (2007, p. 235-236)

A mulher, assim, traz a possibilidade de modificar profundamente a condição humana.

Se a História da Humanidade é, em boa parte, a história de suas guerras, também é não em menor medida a história das grandes figuras humanas que, com suas vidas, pensamentos e testemunhos lançaram luz sobre as trevas, transformaram desertos em jardins, e abriram tênues perspectivas de esperança e paz para todo o gênero humano. Certamente Simone Weil é uma dessas figuras. Bingemer (2007, p.287)

Estas passagens sugerem que sim, a mulher resgatando seu lugar dentro do pensamento, dentro da História, e da História da Filosofia, pode e realiza transformações necessárias, que muitas vezes surgem justamente através do gênero feminino e por causa de suas especificidades. E Simone Weil, enquanto voz que não se calou, conseguiu possibilitar transformações reais através de sua vida e de sua filosofia. Que ela seja inspiração às mulheres que ainda precisam acordar de seu sono profundo e assumir seu lugar.

3 FILOSOFIA E PRÁXIS

Uma das grandes críticas à Filosofia é o fato de a mesma ser vista como parte separada da práxis. Talvez um certo preconceito que até hoje prevalece. Um olhar que a fecha numa definição na qual a práxis não faz parte. Filosofia puramente como divagação de ideias e ausência de comprometimento com o real, de engajamento. Tal forma de pensamento precisa ser revista.

Inclusive para alguns pensadores tais conceitos estão distantes de alguma conexão, onde a filosofia se reduz à reflexão teórica, distante da práxis. Em S. Weil podemos ver a possibilidade dessa inter relação se realizar.

Através de seu pensamento, S. Weil teoriza e vive estes dois pólos, a filosofia e a práxis, aparentemente opostos, no entanto ambos presentes e latentes na vida da filósofa.

A filosofia tem sentido a medida em que está comprometida com a realidade. Filosofia enquanto ação. Práxis transformadora. Desta forma a filosofia tem sentido. Olhar a realidade, os problemas atuais de nossa sociedade, e através desse comprometimento realizar a conscientização e transformação política, social, econômica, humana...

Assim Simone Weil realiza a sua filosofia, pois ao abandonar a Cátedra e colocar-se ao lado dos operários nas fábricas, ela recolhe elementos de uma vida diária para construir o seu pensamento. Antes de deixar a Cátedra e ir para as fábricas, ensina para suas alunas que "... o homem que massacra não sente nada; é o que está massacrado que sente. Nada poderemos compreender enquanto não nos pusermos entre os oprimidos para sentir com eles." BOSI (1996, p. 41) Estando ao lado dos oprimidos da época, ela própria se torna uma, sentindo e vivendo o mesmo que eles. E esta experiência é fundamental em sua filosofia. Verificamos isto em uma passagem do livro Simone Weil A condição operária e outros estudos sobre a opressão.

Quando sua amiga Hélène Honorat, vendo que ela empregava os anos da juventude nos mais duros trabalhos, perguntou: - Mas afinal, Simone, por que faz isso, com aquilo que traz em você, com aquilo que

você tem a dizer? -ela responde: -Há coisas que eu não teria podido dizer se eu não tivesse feito isso. Bosi (1996, p.64)

Este é um exemplo de filosofia enraizada, onde segundo a própria filósofa, ela não poderia ter dito algumas coisas, se não tivesse vivido o que viveu junto aos operários; se não tivesse sentido na carne os seus sofrimentos, a realidade da opressão, o humano transformado em máquina. O que ela viveu fundamentou o seu discurso.

Através da prática e engajamento social é possível vivenciar inúmeras situações que fazem pensar e repensar o espaço “dentro” da sociedade que algumas (ou tantas) pessoas ocupam; ou não ocupam, eis a questão. Algumas inquietações brotam desse ponto. Uma “civilização” que expulsa para fora de suas margens parte dela mesma. Quem é essa sociedade? O problema talvez esteja no fato de que aqueles que estão à margem, muitas vezes estão à margem de si mesmos. Não há uma conscientização que possibilite o saber-se em determinada situação, inconformar-se e buscar uma transformação. O que ocorre é um círculo vicioso, uma repetição e proliferação alienada de injustiças, de violências, de famílias desestruturadas, de pobreza, de miséria, de enfraquecimento, de acomodação diante do quadro existente.

Algumas vezes estar à margem de si mesmo, como foi dito, é resultado de uma rotina opressora de trabalho. A conscientização ou o acordar intelectual para a nossa própria condição de opressão, injustiça, perpassa pela possibilidade de reflexão, de conhecimento, de poder pensar a sua própria condição e aí então poder e querer realizar uma transformação. Simone Weil, durante o seu período nas fábricas, fez duramente esta experiência de praticamente ser engolida pelo trabalho, ser transformada em máquina e envolvida pela fadiga, o que dificultava enormemente a sua reflexão e produção intelectual. Se para ela, grande pensadora que era, a escravidão das fábricas conseguia quase lhe anestesiar o pensamento, quanto mais àqueles que durante toda a vida estiveram naquela situação sem outra oportunidade de clarear a consciência sobre si, e sobre a sua condição. Para defender esta afirmação cito uma passagem do diário de Simone Weil:

O esgotamento acaba por me fazer esquecer os verdadeiros motivos de minha estada na fábrica, torna quase invencível para mim a

tentação mais forte que esta vida inclui: a de não pensar mais, o único meio de não sofrer com ela. Só no sábado de tarde e no domingo é que minhas lembranças voltam – farrapos de ideias! -, que me lembro de que sou também um ser pensante. Pavor que me domina quando constato a dependência em que me acho das circunstâncias exteriores: bastaria que elas me obrigassem um dia a um trabalho sem repouso semanal – o que, afinal de contas, sempre é possível – e eu me transformaria numa besta de carga, dócil e resignada (pelo menos para mim). Só o sentimento da fraternidade, a indignação pelas injustiças infligidas a outros permanecem intactos – mas até que ponto tudo isso vai resistir ao correr do tempo? Bosi, (1996, P. 96-97).

Ao mesmo tempo em que é necessário estar neste meio em que ela esteve, se colocar dentro de sua própria teoria, a sua experiência lhe deixa marcas profundas na alma e no corpo.

“... Eu, apesar do cansaço, tenho tanta necessidade de ar fresco que vou a pé até o Sena; lá me sento à beira, sobre uma pedra, triste, esgotada e de coração apertado pela raiva impotente, sentindo-me esvaziada de toda a minha substância vital; perguntando-me se, caso fosse condenada a esta vida, será que conseguiria atravessar todos os dias o Sena sem me atirar nele de uma vez por todas.” Bosi (1996, p. 102)

A consciência da escravidão que lhe dominava a perturbava a ponto de debater-se em tais pensamentos. A vida se tornando quase insuportável pela opressão vivida. Simone tinha esta consciência de sua própria condição, mas muitos de seus companheiros de fábrica, não. Assim, através destes argumentos e citações, podemos verificar duas situações: o quanto a vida diária no trabalho opressivo escraviza e dificulta a conscientização por si só; e por outro lado, o quanto tal experiência foi necessária para ela enquanto pensadora de tal realidade.

Simone, em seu trabalho junto aos operários, e ensinando os camponeses, dando-lhes ferramentas intelectuais inclusive, possibilita a eles a conscientização. Por isso sua filosofia é transformadora. Ela, como diz Fiori, ensinava os marginalizados de seu tempo “a dizerem a sua palavra”. Os ferroviários, a quem ela deu aulas de graça durante três anos, a chamavam de “a nossa camarada”. Ela mobilizou trabalhadores que movimentaram sindicatos. Desta forma ela gerou muita antipatia com relação às autoridades, pois estava ensinando,

“armando” os trabalhadores a fim de que tivessem condições de lutar pelos seus direitos.

Desta forma ao escrever sobre a filosofia de S. Weil, busca-se fortalecer a compreensão desta relação tão necessária, filosofia x práxis. Esta relação é possível, é necessária e é real em S. Weil. A filosofia tem sentido a medida em que está engajada com o real, no momento histórico, comprometida com as questões políticas, sociais, humanas, econômicas, pensando e construindo uma transformação.

Essa filosofia enquanto práxis, desenvolvida por Simone Weil, é possibilidade de transformação através da reflexão e ação sobre problemas práticos de nossa realidade. A filosofia pode (e deve ser) uma forma libertadora de pensar ou repensar criticamente a vida em seus diferentes âmbitos.

No início da Obra de S. Weil, O Enraizamento, verificamos em sua reflexão elementos teóricos que justificam e embasam o seu raciocínio sobre a atitude fundamental que devemos ter em atendermos as necessidades básicas que o ser humano tem. Ela fala sobre direito e obrigação. Conforme Weil (2001, p. 7) “a noção de obrigação ultrapassa a noção de direito”. Uma pessoa tem direitos quando é considerada por outras que “reconhecem ter obrigações para com ela”. Weil diz que a obrigação para com o ser humano é uma obrigação eterna, incondicionada. Segundo Weil (2001, p. 9), “O objeto da obrigação, na área das coisas humanas, é sempre o ser humano como tal. Há obrigação para com todo ser humano, pelo simples fato de ele ser um ser humano, sem que nenhuma outra condição precise intervir, mesmo que ele não reconhecesse nenhuma.”

Existem as obrigações para com as necessidades físicas e para com as necessidades morais. A obrigação principal para com os seres humanos (necessidade física) é não deixá-los passar fome. A partir dessa obrigação pensa-se outras (moradia, roupas...). Aqui está um ponto central que move sua filosofia e que a leva a extremos durante sua vida e inclusive no final, devido à injustiça que ela presencia no mundo, onde tantos passam e morrem de fome. Para embasar este argumento, cito a seguinte passagem:

Há milhares de anos, os egípcios pensavam que uma alma não pode ser justificada após a morte se não puder dizer: “Não deixei ninguém passar fome”. Todos os cristãos sabem que se expõem a ouvir, um dia, o

próprio Cristo lhes dizer: “Tive fome e não me deste de comer.” Todo o mundo imagina o progresso como sendo inicialmente a passagem a um estado da sociedade humana em que as pessoas não passarão fome. Se se fizer a pergunta em termos gerais a qualquer pessoa, ninguém pensa que um homem seja inocente se, tendo comida em abundância e encontrando à sua porta alguém quase morto de fome, ele passar sem lhe dar nada.

É portanto, uma obrigação eterna para com o ser humano não o deixar passar fome, quando se tem ocasião de socorrê-lo. Sendo esta obrigação a mais evidente, ela deve servir de modelo para estabelecer a lista dos deveres eternos para com todo ser humano. Weil (2001, p. 10)

S. Weil defendia uma revolução que proporcionasse o alimento a todos. O combate à fome a movia, e saber da realidade da fome no mundo, era algo que a levava às lágrimas. Tão necessária era essa revolução que Simone desejava, que até hoje e inclusive hoje é de extrema urgência. O problema da fome no mundo ainda é tão real e urgente como naquele tempo. Ironicamente esta necessidade elencada por Weil como a mais primordial de todas, continua levando muitos seres humanos à morte. A injustiça, responsável pela desigualdade social ainda massacra e dizima sem limites.

Num depoimento de Simone de Beauvoir, que a conheceu por volta de 1928, onde circulavam nos pátios da Sorbonne, encontramos um exemplo singular do quanto a preocupação sobre a fome era central para S. Weil. A citação consta no livro Simone Weil A condição operária e outros estudos sobre a opressão.

... Consegui um dia me aproximar dela. Não sei mais como a conversa se travou: ela declarou num tom cortante que só uma coisa importava hoje sobre a terra: a Revolução que daria de comer a todo mundo. Retorqui, de modo não menos peremptório, que o problema não era fazer a felicidade dos homens mas encontrar um sentido para sua existência. Ela me atalhou: Vê-se bem que você nunca teve fome. Bosi (1996, p. 27)

Esta preocupação de S. Weil relacionada à fome é outro exemplo importante e singular de sua filosofia enquanto práxis. Isto por que para Simone a

vida não se separava da filosofia. A prática do filosofar acontecia como forma de vida, como exercício espiritual. De acordo com Bingemer,

Em Simone Weil, filosofia e vida viviam juntas, assim como em muitos filósofos da Antiguidade. Não foi alguém que escreveu apenas tratados filosóficos, mas alguém que se conduziu por uma vida filosófica: necessitada de sabedoria e de verdade desde sua infância; procurou a ação e a beleza durante sua juventude; e descobriu a justiça e o amor transcendente em Cristo no fim de sua vida. De fato, em seu incansável desejo de conversão, é possível descobrir quem era realmente: alguém que foi transformado progressivamente pela contemplação da beleza do mundo, pela aceitação da angústia impiedosa, e pela dolorosa ausência-presença de Deus. Para ela, filosofar era um desejo constante de salvação, um exercício espiritual que lhe ensinava como prestar uma atenção absoluta à realidade; como viver neste mundo em uma perspectiva transcendente; e como ser transformada progressivamente por Deus.

[...]

Em Simone Weil nós temos o exemplo de que a filosofia e a vida podem seguir juntas. Sua vida era o testemunho da veracidade de sua filosofia, e sua filosofia era o testemunho da autenticidade de sua vida. Para ela, viver era um treinamento incessante para a verdade, a beleza, a justiça e o bem; e filosofar era um exercício contínuo para iluminar e conseguir estes mesmos objetivos. Seu pensamento é a prova de que a filosofia, mesmo no século XX, pode ser compreendida, depois dos *insights* de Hadot, como um *modo de vida*, como um verdadeiro *exercício espiritual*, e sua vida é a prova de que, mesmo em circunstâncias adversas, é possível exercer uma existência filosófica. Bingemer, (2009, p. 56-57)

Assim, além da filosofia e da práxis viverem em harmonia em Simone Weil, veremos a seguir que a mística e a práxis também se entrelaçam e caracterizam a filosofia de S. Weil.

4 PRÁXIS E MÍSTICA

Neste capítulo pretende-se relacionar estes dois conceitos presentes em Simone Weil, e argumentar em defesa da ideia de que é possível uma práxis iluminada pela mística, e inclusive, que a práxis ganha maior sentido quando é iluminada pela espiritualidade onde a generosidade, a compaixão para com o outro são formas de vida que podem levar a convivência ao bem, à justiça, aos valores humanos necessários para uma convivência mais fraterna.

Num primeiro momento falar de mística parece um tanto difícil, talvez uma aventura perigosa... Isto por que a mística está para além das palavras, das teorias... só sabe realmente o que ela é quem já teve a oportunidade de fazer a sua experiência. Mística tem a ver com fazer a experiência do Sagrado... do Mistério...

E foi isto que S. Weil viveu em sua vida adulta. Apesar de ser filha de pais judeus, não teve vivências relacionadas à fé durante sua infância e juventude. Não cresceu em um ambiente religioso familiar. A mística entrou em sua vida adulta através de experiências de Deus que ela viveu.

A vida nas fábricas, onde Simone colocou-se ao lado dos sofredores, a possibilitou fazer ela própria a experiência do sofrimento. A sua atitude de compadecer-se com os sofrimentos alheios, de se colocar no mesmo lugar daqueles oprimidos de sua época foi um gesto de humanidade e generosidade que foi lhe dando as chaves para fazer a experiência da mística que iluminaria sua trajetória. Segundo Bingemer,

Os últimos trabalhos de Simone Weil revelam a nova unidade de sua filosofia mística e política. Seu materialismo inicial e seu “completo agnosticismo” abriram caminho a uma profunda espiritualidade. É possível observar em suas anotações e ensaios que ela nunca abandonou sua visão de sociedade, segundo a qual todos os indivíduos possuem igual acesso aos meios de libertação da opressão social. Após suas experiências místicas, ela persistiu no desejo ardente de convencer seus contemporâneos da necessidade de um espírito de justiça baseado no consentimento mútuo, que somente poderia ser inspirado pelo amor transcendente. A combinação de sua busca anterior durante o seu passado materialista e de sua nova diligência espiritual reorientou o sentido de sua luta por uma justiça que se caracterizasse como a flor suprema e perfeita da loucura do amor. Bingemer, (2009, p. 59)

A sua compaixão, a sua preocupação em primeiro lugar com o outro cresce na medida em que Simone avança em suas experiências junto aos sofredores de seu tempo.

No livro S. W. A força e a fraqueza do amor, lemos que:

O sofrimento do mundo foi para ela uma obsessão e sua experiência a trouxe para muito perto da paixão e cruz de Jesus Cristo e a fez escrever ao seu confessor: “Conhecer realmente o infeliz implica conhecer verdadeiramente a desgraça.” Após sua experiência mística cristã, esta compaixão e seu sentimento tão agudo do sofrimento do outro não se afastaram de Simone. Ao contrário, isto foi sempre, nela, mais presente e forte. Ela diz um dia ao seu amigo, o Pe. Perrin: “Para aquele que ama verdadeiramente, a compaixão é um tormento.” Em coerência com aquele sentimento e pensamento, Simone viveu intensamente, em cada etapa de sua vida, a partilha das condições de vida de todos os oprimidos e marginalizados de seu tempo, tomando parte ativamente nas lutas por liberdade, justiça e paz, resistência à opressão nazifascista e críticas ao totalitarismo de inspiração marxista.

A descoberta da espiritualidade cristã trouxe novo sentido a esta configuradora experiência primordial que foi a sua. Em toda a sua trajetória em direção a uma morte do próprio “eu” que passa por uma compaixão sempre mais profunda pelo outro que sofre e em quem o próprio Cristo se faz presente, Simone Weil recorda que a representação de Deus muitas vezes permanece ligada ao estereótipo religioso arcaico do poder e da guerra e denuncia esse equívoco. Depois da Cruz de Cristo, a projeção da vontade humana de poder na onipotência divina deve voltar-se para o Deus desarmado que fulgura na sua impotência. Bingemer (2007, p. 224-225)

Desta forma, a práxis de sua filosofia recebe um outro sentido quando a espiritualidade entra em sua vida. A mística ilumina as lutas travadas por Simone em defesa dos seres humanos. A dor do outro era a sua dor. Mais ainda, a dor do outro se tornava maior do que a sua própria dor, e por isso ela abria mão, inclusive, do alimento que era seu, por exemplo, dando o que lhe pertencia a quem dele necessitava. Abria mão do próprio alimento num gesto generoso e de compaixão. Esta afirmação sobre os efeitos da compaixão em sua vida, é defendida por Bingemer,

Ao ser introduzida pelo próprio Deus nesta verdade profunda que se sabe mas que não se explica, Simone Weil, à semelhança de inúmeros místicos cristãos experimenta simultaneamente o desejo irrefreável de participar dessa paixão redentora. A compaixão experimentada até as entranhas pelos infelizes e desgraçados deste mundo se reproduz nela em relação a Jesus Cristo, o inocente maltratado, o Servo Sofredor, o Cordeiro sem mancha que carrega em si o pecado do mundo, feito maldição sobre a cruz sem ter aberto a boca e após ter praticado somente o bem. Bingemer (2005, p. 147)

Importante lembrar, porém, que a religião, Igreja enquanto instituição está muito distante da mística que move Simone Weil. Ela tem críticas à Igreja instituição. Diz ela que o povo foi saindo das igrejas, e ela, a religião, foi ficando à direita, tornando-se coisa de burgueses, de conformista. Segundo ela, a religião passa a ser algo de domingo de manhã. Em *O Enraizamento*, Simone Weil (2001, p. 224) critica o cristianismo: “Assim o cristianismo é de fato, com exceção de alguns focos de luz, uma conveniência relativa aos interesses daqueles que exploram o povo”. E em WEIL (2001, p. 250), “A inspiração verdadeiramente cristã foi felizmente conservada pela mística. Mas fora da mística pura, a idolatria romana maculou tudo”. Por esse motivo, Simone argumenta que precisamos abolir a concepção romana de Deus.

Logo, a filosofia de Simone Weil foi caracterizada pela mística que impregnou sua filosofia, sua práxis. E a mística está muito além dos muros de uma religião, de uma instituição. Transborda.

De acordo com Leonardo Boff, em *Tempo de Transcendência*, (2009, p. 54), “Mística significa, então, a capacidade de sentir e de se comover diante do mistério de todas as coisas. Não pensar as coisas, mas sentir as coisas tão profundamente que percebemos o mistério que as habita, de onde jorram e que as sustenta.”

5 CONCLUSÃO

Resgatar o pensamento de S. Weil não é apenas ler e escrever sobre uma certa filósofa e sua filosofia... é um gesto que resultou de profunda empatia com essa jovem incomodada com as questões opressoras de seu tempo.

No inconformismo que move deve-se buscar formas de reinventar, de repensar, de sonhar e reconstruir algumas realidades existentes hoje. S. Weil é modelo e professora nessa jornada.

Não é raro nos depararmos com pessoas pouco ou nada conscientes de sua existência. O saber-se um ser político, responsável e comprometido com a realidade que o cerca é fato raro. A dimensão política que nos aproxima de todos os outros presentes em nossa história está, em grande parte adormecida, mas ainda está, existe.

Nesse sentido a filosofia encontra terreno fértil, pois precisa questionar os problemas atuais e através desse gesto e de um comprometimento, possibilitar a conscientização e transformação política, social, econômica... Nesse sentido Simone Weil nos deixa inúmeras pistas.

Ela, além das tantas definições que lhe fazem, ousou dizer que era uma inconformada com o seu tempo, uma mulher com inquietações e angústias que possibilitaram o nascimento e realização de sua filosofia, que a moveram.

A exemplo dela, acredito que uma certa angústia diante da própria vida e suas mais diversas situações, é necessária. Reflito que essa inquietude com o mundo, consigo mesmo, e com tantas realidades não deva ser um fardo penoso, um cárcere sombrio no qual o ser humano esteja condenado a apaticamente sofrer os seus tormentos; mas sim acredito que essa inquietude, mesmo que sombria, tem o poder de levar o ser humano à uma outra realidade. Uma inquietação que torne insuportável permanecer alheio, acomodado. Uma angústia que é positiva, um mal que é bem, pois é porta, é abertura, e é também esperança tomando corpo. Leonardo Boff em Tempo de Transcendência, diz: “Digo aos meus amigos psicanalistas: não tentem curar as pessoas dessa angústia infinita, porque o ser humano não é curável. Esse mal infinito que o habita é a sua grandeza, é o seu dinamismo, é a sua essência. É a partir dessa excentricidade que ele poderá encontrar sua cura.”

Portanto, o ato de realizar este escrito em Simone Weil, destacando sua presença feminina na Filosofia e relacionando conceitos como práxis e mística em seu pensamento filosófico, é uma forma de dizer o quanto acredito na responsabilidade que a filosofia tem diante das questões, problemas de nosso tempo. E, principalmente, o quanto a filosofia como práxis transformadora, iluminada pela mística, pode reverter a realidade política, social, econômica, diminuindo as desigualdades.

REFERÊNCIAS

- BINGEMER, Maria Clara. Simone Weil: a força e a fraqueza do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BINGEMER, M. C. L.; Rey Puente, F. (Orgs.). Simone Weil e a filosofia. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2011.
- BINGEMER, M. C. L. (Org.). Simone Weil e o encontro entre as culturas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Paulinas, 2009.
- BOFF, Leonardo. Tempo de Transcendência: o ser humano como projeto infinito. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOSI, Ecléa. (Org.). Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- NICOLA, G. P. d.; BINGEMER, M. C. L. (Orgs.). Simone Weil: ação e contemplação. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- SANABRIA, Marisa. A procura do feminino. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.
- TARNAS, Richard. A epopéia do pensamento ocidental. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- WEIL, Simone. A gravidade e a graça. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.
- _____. O Enraizamento. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- _____. Opressão e liberdade. Bauru, SP: EDUSC, 2001.